

Uma existência poética: Pureza, ternura e compaixão na lírica de Trakl

Poetic existence: Purity, tenderness and compassion in Trakl's poetry

Prof.^a Dr.^a Laura B. Moosburger
Universidade de São Paulo - USP¹

RESUMO

O presente texto oferece uma versão sucinta de minha tese de doutorado, "Inquietude e *Sehnsucht* na obra de Georg Trakl". Lá, propus-me analisar e interpretar o que entendo ser a base afetiva e existencial desse poeta austríaco: a inquietude cristã – entendida, sumariamente, como um anseio de retorno a Deus – e a aspiração romântica (*Sehnsucht*) no modo todo próprio como esse *afeto fundamental* do romantismo alemão resgatou a inquietude cristã: buscando a reunificação com Deus *através da beleza poética*. Assim, sublinhei o vínculo entre o poético e o sagrado na obra trakliana. Atentei para o momento de grande consternação em que ele realizou sua escrita: o início do século XX, no irromper da primeira guerra mundial e diante de um mundo que perdia a conexão com o sagrado, o que infundiu à sua poesia um tom de extrema desesperança. Contra toda simplificação de que Trakl seria "um melancólico propenso exclusivamente ao pessimismo", destaquei a força com que ele resgatou, na sublime beleza e delicadeza de suas imagens, precisamente o sagrado perdido nos destroços de um mundo insano, mostrando que sua melancolia lírica reflete claramente a busca *romântico-cristã de retorno a Deus pela santificação poética da existência*. O texto ora apresentado enfatiza os principais aspectos da poesia de Trakl que afloram como resposta ao problema levantado pela tese: o lirismo de suas imagens, a experiência da vida como sagrada, o sentido de pureza, a singeleza, a ternura e compaixão pelos seres mais delicados e frágeis, o apelo do poeta a que o ser humano assuma a responsabilidade irremissível por sua própria salvação.

PALAVRAS-CHAVE

Trakl; poesia; cristianismo; romantismo

¹ Email: laurabmoos@gmail.com

ABSTRACT

This paper offers a succinct vision of my doctoral thesis, “Uneasiness and *Sehnsucht* in the works of Georg Trakl”. In that thesis I’ve set out to analyze and interpret what I understand to be the affective and existential ground for this Austrian poet: Christian uneasiness - understood as a longing for returning to God - and the romantic aspiration (*Sehnsucht*) in the particular way this fundamental affection of German romanticism recovers Christian uneasiness: seeking reunification with God through *poetic beauty*. Thus, I’ve emphasized the bond between the poetic and the sacred in the Traklian work. I’ve paid attention to the moment of great consternation and anxiety in which he wrote: the beginning of the 20th century, at the outbreak of the first world war and facing a world that had lost its connections with the sacred, circumstances that infused his poetry with a tone of extreme hopelessness. Against all simplification that Trakl would be “a melancholy exclusively prone to pessimism”, I’ve highlighted the strength with which he rescued, in the sublime beauty and delicacy of his images, precisely the sacred lost in the wreckage of an insane world, showing that his lyrical melancholy clearly reflects the *Romantic-Christian search for a return to God through the poetic sanctification of existence*. The text here presented emphasizes the main aspects of Trakl's poetry that emerge in response to the problem raised by the thesis: the lyricism of his images, the experience of life as sacred, the sense of purity, the tenderness and compassion for the most delicate and fragile beings, and the poet's call for the human being to take the irrevocable responsibility for his own salvation.

25

KEYWORDS

Trakl; poetry; Christianity; romanticism

INTRODUÇÃO

Este artigo retoma a questão central mobilizada em minha tese de doutorado, “Inquietude e *Sehnsucht* na obra de Georg Trakl”: o sentido ético-religioso da poesia de Trakl, *a unidade religiosa, ética e poética de sua obra*. A fim de contextualizar o presente texto, começo por apresentar a problemática lá desenvolvida.

O trabalho propôs-se a analisar e interpretar, como base afetiva e existencial da expressão poética de Trakl, a inquietude cristã e a aspiração romântica (*Sehnsucht*). Inquietude cristã enquanto anseio por um sentido maior da existência encerrado na ideia do Deus criador e de uma esfera sagrada, e *Sehnsucht* – o anseio romântico – como busca pela poetização da existência, compõem juntas no projeto poético de Trakl, movido por um desejo simultaneamente poético e religioso de pureza, beleza e bondade, e de um sentido maior capaz de redimir, de alguma forma, o pesar e a injustiça do mundo. Inquietude e *Sehnsucht* encontram-se unidas também em certos autores do romantismo alemão, como Novalis. Lá, porém, essa busca espiritual conhecia um sentido de esperança e entusiasmo com a potência realizadora da poesia,

ligado ao sentimento de sintonia com uma esfera mais ampla, absoluta. Na obra de Trakl, atingida pelo desencantamento do mundo no início do século XX, com o horror da primeira guerra, a ‘morte de Deus’ e a brutal quebra no sentimento de sintonia entre a alma humana e o universo, essas esperanças tendem a se dissipar. O poeta se confronta com a impossibilidade de uma existência plenamente poética ou de uma santificação da vida pela poesia. Contudo, para além de explorar o profundo pesar e desesperança que, em face disso, habita a poesia trakliana, meu empenho consistiu, sobretudo, em sublinhar o que reconheci como seu teor mais afirmativo: o esforço e apelo por resgatar precisamente o que o poeta experimentou como perdido.

Com efeito, a perda da segurança na transcendência não levou Trakl a desistir do anseio romântico; antes, sua melancolia abriga justamente uma forma de resistência romântica. Disso dão testemunho direto as menções a Novalis, especialmente à flor azul por ele feita símbolo da aspiração romântica. No desfecho do poema “A Novalis” – “Uma flor azul/ Prossegue seu canto na morada noturna da dor”² – pode-se ler, no prosseguir da flor azul, identificada ao próprio canto poético, a afirmação dessa resistência do empenho romântico pela poesia, ainda que “na morada noturna da dor”. Igualmente, a perda da segurança no horizonte do absoluto e o confronto com o desamparo apenas exacerbam o sentimento cristão em Trakl, que se volta radicalmente para a dimensão humana da *fraternidade*.

O mergulho na experiência existencial de Trakl que fiz sob esse fio condutor foi um esforço de interpretação filosófica de sua poesia, tanto quanto uma tentativa de sublinhar o interesse filosófico dela. Pois se o poeta não realizou ele mesmo um esforço conceitual de compreensão da existência, ele com sua poesia reelaborou afetivamente a própria experiência da existência e apresentou uma forma de compreendê-la e relacionar-se com ela, frente a um momento histórico crucial de inflexão espiritual. Trakl manifesta aquela interpenetração entre filosofia, poesia e religião empreendida pelos filósofos românticos e por Wilhelm Dilthey³. Dilthey lembra a definição de Teodoro Lipps da filosofia como “ciência da experiência interior”, e destaca que, no esforço por uma compreensão “mais livre e humana da vida”, ou na tentativa de que “a vida seja interpretada por ela própria”, os poetas “são os que se desenvolvem mais livremente”, pois se mantêm “na região do sentimento e da intuição” (DILTHEY, 1984, respectivamente p. 52, 65, 68, 82). Bastante esclarecedoras são também as palavras de Miguel de Unamuno sobre o sentido da filosofia:

² Eine blaue Blume/ Fortlebt sein Lied im nächtlichen Haus der Schmerzen (TRAKL, 1969, p. 325).

³ Cf., por exemplo, DILTHEY, 1984, p. 61-2: “Sempre foi assinalado o parentesco da filosofia com a religião, a literatura e a poesia. As três compartilham a relação íntima com o enigma do mundo e da vida; por isso os nomes de filosofia e filosófico ou as denominações similares foram aplicados tanto aos factos espirituais no campo da religiosidade como aos da experiência da vida, da conduta da vida, da obra literária e da poesia.” E falando sobre o romantismo: “O romantismo destacou amiúde o parentesco da religião, arte e filosofia. É que o próprio enigma do mundo e da vida interessa à poesia, à religião e à filosofia” (DILTHEY, 1984, p. 82).

A filosofia atende à necessidade de formarmos uma concepção unitária e total do mundo e da vida, e, como consequência dessa concepção, um sentimento que engendre uma atitude íntima e até uma ação. Mas, ocorre que esse sentimento, em vez de ser consequência daquela concepção, é causa dela. Nossa filosofia, isto é, nosso modo de compreender ou não compreender o mundo e a vida brota de nosso sentimento com respeito à própria vida (UNAMUNO, 1996, p. 2-3).

Com sua poesia Trakl responde a essa necessidade filosófica, intrinsecamente ética pois que diz respeito não apenas a uma teoria sobre o mundo, mas a uma visão vivida dele e a uma tomada de posição diante dele a partir dessa experiência. É precisamente naquele aspecto mais próprio da poesia que reside sua resposta: o lirismo, o poético enquanto tal. É pelo canto poético que Trakl irá exprimir, diante da dor pela ausência de Deus, diante da precariedade da finitude abandonada a um mundo desprovido de justiça e avesso à fraternidade, a contra-afirmação de um apreço absoluto pela pureza e pela singeleza, uma ternura infinita pela inocência e pela fragilidade, o sentimento de irmandade, a busca incessante por devolver através da poesia a beleza e o sentido do sagrado destruídos pelo mundo. É a contra-afirmação de uma posição existencial ética e religiosa inseparável da sensibilidade e da sensibilização poética.

27

“NO ROSTO GOTEJA ORVALHO”

Em face da atmosfera melancólica e mesmo lúgubre na maioria dos poemas de Trakl, não é infrequente que se passe ao largo de um outro traço essencial de sua poesia: a apreciação poética do simples; a doçura e pureza intensamente sentida nas coisas, precisamente nas mais singelas.

Isso se mostra já num dos primeiros escritos do poeta, “Terra dos sonhos” [*Traumland*]⁴, no qual o narrador rememora seu tempo de adolescente entregue à descoberta da vida com sua aguçada sensibilidade e sonhar acordado. A pequena cidade que ambienta suas lembranças era admirada pelo jovem em seus traços mais singelos, como as “esplêndidas tílias” da rua principal e suas ruelas angulosas, a “antiga fonte da cidade no meio da praça, respingando ao sol como num sonho” e o pequeno sótão que ocupava na casa de seu tio, decorado “com maravilhosos quadros antigos e desbotados”. A “vida fantástica e maravilhosamente vivida” que ele “podia desfrutar sem hesitação como um presente recebido de mãos benevolentes e desconhecidas”, a “felicidade indescritível, juvenil” que experimentara naquele período de sua vida, não era senão os seus “devaneios aéreos, tolamente felizes de

⁴ A fonte para as citações de *Traumland* feitas na sequência é uma tradução desse escrito que apresentei em anexo à tese (p. 159-163).

menino” e a intensa vivacidade com que apreciava cada instante, como ao passear sozinho na quietude da floresta e deitar-se sobre o musgo para olhar o céu, ou quando no jardim da casa ele aspirava o “perfume de mil flores” e “as cores vibrantes das inflorescências inundadas pelo sol” embriagavam seus olhos, ou ao sentir o vento morno do anoitecer trazendo pela janela o “aroma forte e inebriante das rosas”, ou quando se punha à janela do sótão para contemplar o céu noturno e deixar-se embalar pelo sono. Cada pequeno evento narrado pelo protagonista reflete um estado de constante admiração e enlevo poético; tudo é sentido por ele como extraordinário, como se por cada coisa se apaixonasse sempre de novo e pela primeira vez. Essa entrega à simples pureza de ser é um dos traços mais fundamentais da vocação poética de Trakl, e como bem observou James Rolleston acerca de “Terra dos sonhos”, “o texto não esconde um apaixonado compromisso com os ideais de inocência, imediatidade e intensidade que estavam no coração do primeiro romantismo” (ROLLESTON, 1976, p. 77). O amor à singeleza experimentada na aurora juvenil, além de se mostrar na ternura com que o protagonista vai narrando suas lembranças, é também admitida por ele expressamente; por exemplo, ao referir-se aos momentos de silêncio partilhados com sua prima Maria: “Talvez essas horas em que nós dois sentávamos juntos e fruíamos calados uma grande, quieta e profunda felicidade fossem tão bonitas, que eu não precisava desejar nada mais belo”.

Cumpramos ressaltar – contra a imagem simplificadora que muitas vezes se faz de Trakl como propenso exclusivamente ao pessimismo e à melancolia – essa profunda e sincera *felicidade* tantas vezes referida no texto; a alegria de um amor franco e direto pela vida, pelas pessoas, pelas coisas, que aflora em consequência natural da capacidade de amar poeticamente a existência, de fazer da existência uma existência poética.

Inseparável de tudo isso é o sentimento do sagrado. A doçura poética sentida nas coisas, a ternura pelas pessoas, estão atadas a uma profunda reverência pelo ser. O silêncio é experimentado pelo jovem como cúmplice de seus “devaneios aéreos, tola e felizmente de menino”: ele os “acolhia amorosamente”, “resguardava-os em si, para por vezes trazê-los de volta a mim mais tarde, nas horas solitárias do entardecer”. Quando fruía a natureza no jardim, sentia “o fermentar da terra úmida e fecunda, esse som misterioso da vida eternamente criadora”. O jardim é por ele chamado de santuário. A doença de sua jovem prima, que não tardaria a levá-la, é percebida por ele como um “sofrimento mudo, estranhamente comovente”, e nele desperta uma “timidez sagrada e respeitosa”. Diante dessa disparidade – ele no auge da saúde, ela prestes a morrer – o jovem, inconformado e cheio de ternura, entrega-se ao gesto romântico de levar até à jovem flores recém-colhidas no jardim, na ânsia de compartilhar com ela o paraíso de que apenas ele podia desfrutar. Esse episódio, vivido por ele como

o mais significativo da narrativa⁵, demonstra o quanto, para Trakl, doçura, ternura, sensibilidade poética e sentimento do sagrado integram uma forma una e coesa de experimentar a existência, um único sentimento da vida.

Essa sutil capacidade de fruição poética, aberta à intensidade do mais singelo e inseparável do sentimento do sagrado, perdura em toda a obra de Trakl. “Belo é o bosque, o escuro animal,/ O homem; caçador ou pastor”⁶. Antes de qualquer interpretação elaborada que se possa dar a sentenças como estas, tão frequentes em sua poesia, é preciso notar que elas fazem uma clara afirmação sobre a existência: uma afirmação poética sobre a existência, afirmação da existência enquanto poética. “Ele amava genuinamente o sol purpúreo descendo a montanha/ As veredas do bosque, a negra ave canora/ E a alegria do verde”⁷, diz a “Canção de Kaspar Hauser”.

Ressoando essa afirmação poética sobre a existência, a atenção de Trakl se volta para cada leve movimento: o peixe que “sobe vermelho no lago verde”, um pescador “deslizando mansinho no barco azul”, “o leve suspiro de plátanos rubros”, “o rumor da folhagem”, “a água azul ressoando nas rochas”, um rio que “escoa de leve/ E segue samambaias e pedras antigas/ Luzindo prata por entre guirlandas/ De folhas.”⁸ A singeleza dessas imagens diz da mesma apreciação poética da vida presente em *Traumland*. De quando em quando, também a alegria lá referida ressurgiu: “Num jardim ressoam tons suaves da alegria/ De amigos que se encontram após a refeição”⁹. Em toda sua obra encontra-se uma doçura que se identifica com circunstâncias e seres preferidos, como o entardecer, o melro, o bosque, o orvalho, a colina, as nuvens, doçura que reflete um modo pleno de viver em conexão sagrada com tudo que existe. Assim, “Outono transfigurado” [*Verklärter Herbst*] canta o esplendor do fim do ano, “com fruto dos jardins e vinho áureo”, e “bosques em magnífico silêncio envolvendo o solitário”. As coisas estão em paz e harmonia, o toque suave e lento de um sino ao entardecer traz um ânimo alegre; “assim está bem”, aquiesce um lavrador. A última estrofe coroa essa plenitude, afirmando a chegada do “tempo suave do amor”, com alguém descendo o rio azul num barco e contemplando imagens que se sucedem

⁵ Uma leitura mais demorada de „Terra dos Sonhos“ e sua significação na obra de Trakl encontra-se no primeiro capítulo da tese, ou no artigo *Traumland: um sonho desfeito*. PANDAEMONIUM GERMANICUM, v. 20, p. 35-65, 2017.

⁶ “Schön ist der Wald, das dunkle Tier,/ Der Mensch; Jäger oder Hirt” (TRAKL, 1969, p. 134).

⁷ “Er wahrlich liebte die Sonne, die purpurn den Hügel hinabstieg,/ Die Wege des Walds, den singenden Schwarzvogel/ Und die Freude des Grüns” (TRAKL, 1969, p. 95).

⁸ “Rötlich steigt im grünen Weiher der Fisch”; “Fährt der Fischer leise im blauen Kahn” (TRAKL, 1969, p. 95); “das leise Rauschen roter Platanen” (TRAKL, 1969, p. 81); “das Rauschen des Laubs”, “das blaue Wasser im Felsen tönt” (TRAKL, 1969, p. 79); “ein Bach ganz leise gleitet/ Und Farnen folgt und alten Steinen/ Und silbern glänzt aus Laubgewinden” (TRAKL 1969, p. 19).

⁹ “In einem Garten tönen sanften Spieles Klänge,/ Wo Freunde nach dem Mahle sich zusammenfinden” (TRAKL, 1969, p. 28).

graciosamente e docemente afundam em calma e silêncio¹⁰. “Declínio” [Verfall] celebra uma situação plena e poética precisamente em sua simplicidade: a escuta de sinos que “à noitinha ressoam mansidão”, o “voo esplendoroso dos pássaros sumindo nas claras distâncias do outono”, o passeio a esmo no jardim mergulhado nas penumbras do anoitecer, deixando-se embalar pelo tempo da vida que faz esquecer o ponteiro do relógio¹¹. “Meu coração ao anoitecer” [Zu Abend mein Herz] exalta a chegada da noite, para a qual, conforme o título, o poeta tem aberto o seu coração (TRAKL, 1969, p. 32):

Ao anoitecer se ouve o grito dos morcegos,
Dois cavalos negros saltam pelo prado,
O Acer vermelho sussurra.
No caminho do andarilho surge a pequena estalagem.
Magnífico é o sabor do vinho novo e das nozes,
Magnífico: vacilar embriagado na floresta que escurece.
Sinos dolentes soam pela negra ramagem,
No rosto goteja orvalho.

Am Abend hört man den Schrei der Fledermäuse,
Zwei Rappen springen auf der Wiese,
Der rote Ahorn rauscht.
Dem Wanderer erscheint die kleine Schenke am Weg.
Herrlich schmecken junger Wein und Nüsse,
Herrlich: betrunken zu taumeln in dämmernden Wald.
Durch schwarzes Geäst tönen schmerzliche Glocken,
Auf das Gesicht tropft Tau.

Tudo que o poema diz é essa atenção poética aos sons que acompanham o anoitecer, do grito dos morcegos ao sussurrar do Acer vermelho; a visão da pequena estalagem no caminho; o intenso saborear do vinho novo e das nozes; a escuta dos sinos pela ramagem negra. Simplesmente vacilar embriagado na floresta que escurece é *magnífico*. O poema termina com uma imagem pura e simples: no rosto goteja orvalho. A pureza do orvalho no rosto, a pureza de ser, simplesmente. Que esta frase esteja situada ao fim, como desfecho do poema, mostra a ênfase de Trakl na afirmação da plenitude poética do simples. Com frequência ele se vale dessa forma de finalização, como em “Música em Mirabel” [Musik im Mirabell], “À noite o ouvido

¹⁰ “Gewaltig endet so das Jahr/ Mit goldnem Wein und Frucht der Gärten./ Rund schweigen Wälder wunderbar/ Und sind des Einsamen Gefährten./ Da sagt der Landmann: Es ist gut./ Ihr Abendglocken lang und leise/ Gebt noch zum Ende frohen Mut./ Ein Vogelzug grüßt auf der Reise./ Es ist der Liebe milde Zeit./ Im Kahn den blauen Fluß hinunter/ Wie schön sich Bild an Bildchen reiht –/ Das geht in Ruh und Schweigen unter” (TRAKL, 1969, p. 37).

¹¹ “Am Abend, wenn die Glocken Frieden läuten,/ Folg ich der Vögel wundervollen Flügen,/ Die lang geschart, gleich frommen Pilgerzügen,/ Entschwinden in den herbstlich klaren Weiten./ Hinwandelnd durch den dämmervollen Garten/ Träum ich nach ihren helleren Geschicken/ Und fühl der Stunden Weiser kaum mehr rücken./ So folg ich über Wolken ihren Fahrten” (TRAKL, 1969, p. 59).

colhe acordes de sonata”¹², como afirmando que o auge de beleza da existência é algo extremamente singelo e pode ser encontrado cotidianamente, à nossa volta, desde que se tenha essa abertura, esse olhar, essa sensibilidade poética.

Além da concisão imagética e do ritmo delicado que manifesta a constante atenção poética à doçura simples das coisas, esta é salientada por Trakl ainda por meio de diminutivos e de adjetivos como “suave”, “leve”, “silencioso”, “macio”, “brando”, “delicado”, “terno” – *sanft, leise, still, mild, weich, zart...* Assim as imagenzinhas vão passando pelo barco, ou num “crepúsculo de vinho e silêncio” alguém retorna como em sonho para a branda luz do quarto, ou nuvens suaves e brancas pairam no claro azul, ou um “peixinho desliza ligeiro rio abaixo” e “a mão do amigo morto se move de leve e com ternura alisa fronte e manto”¹³. Das coisas “inanimadas” (uma luz suave) aos animais (o tímido ou doce animal amiúde evocado – *scheues, sanftes, weiches Tier*) e às pessoas (como a terna órfã – *die sanfte Waise*) – o poeta mantém uma relação admirada, poética, absolutamente não-utilitária com tudo que existe. “Oh, como é brando o outono. De leve nossos passos ressoam no velho parque à sombra de grandes árvores”¹⁴. Essa relação poética é o próprio sentido de ser. “Seus olhos miravam tão longe./ Já em menino ele esteve no céu./ Então suas palavras surgiram/ De nuvens azuis e brancas”¹⁵, diz, sobre Trakl, Else Lasker-Schüler.

A mesma experiência poética da existência se mostra em suas imagens mais abstratas e inusitadas: “Tuas pálpebras pesam de papoula e sonham de leve na minha frente./ Sinos suaves vibram no peito. Uma nuvem azul,/ Teu semblante afundou sobre mim no crepúsculo”; “Em negra nuvem/ Navegas ébrio de papoula/ Pelo lago noturno,/ Pelo céu estrelado./ A voz lunar da irmã sempre ressoa/ Pela noite sagrada”; “Quando chega a noite,/ Um semblante azul te abandona em silêncio”; “Suave habita/ a lua outonal em tua boca”¹⁶. Igualmente inseparável e condensado, aqui, o simples, a plenitude da sensação poética e o sentimento do sagrado, como uma meditação imersa na textura das coisas, plenas de espiritualidade. “Um instante azul

¹² “Das Ohr hört nachts Sonatenklänge” (TRAKL, 1969, p. 18).

¹³ “Wie schön sich Bild an Bildchen reiht” (TRAKL, 1969, p. 34); “Dämmerung voll Ruh und Wein;/ Traurige Gitarren rinnen./ Und zur milden Lampe drinnen/ Kehrst du wie im Traume ein” (TRAKL, 1969, p. 54); “Die Wolken stehn/ Im klaren Blau, die weißen, zarten” (TRAKL, 1969, p. 18); “Ein Fischlein gleitet schnell hinab den Bach;/ Und leise rührt des toten Freundes Hand/ Und glättet liebend Stirne und Gewand” (TRAKL, 1969, p. 53).

¹⁴ “O, wie mild ist der Herbst. Leise klingen unsere Schritte im alten Park/ Unter hohen Bäumen” (TRAKL, 1969, p. 81).

¹⁵ “Seine Augen standen ganz fern./ Er war als Knabe einmal schon im Himmel./ Darum kamen seine Worte hervor/ Auf blauen und auf weißen Wolken” (LASKER-SCHÜLER, 1800, s. p.).

¹⁶ “Deine Lider sind schwer von Mohn und träumen leise auf meiner Stirne./ Sanfte Glocken durchzittern die Brust. Eine blaue Wolke/ Ist dein Antlitz auf mich gesunken in der Dämmerung” (TRAKL, 1969, p. 81); “Auf schwarzer Wolke/ Befährst du trunken von Mohn/ Den nächtigen Weiher,/ Den Sternenhimmel./ Immer tönt der Schwester mondene Stimme/ Durch die geistliche Nacht” (TRAKL, 1969, p. 118); “Wenn es Abend wird,/ Verläßt dich leise ein blaues Antlitz”, “Stille wohnt/ An deinem Mund der herbstliche Mond” (TRAKL, 1969, p. 120).

já não é mais que alma”, “passos luminosos ressoam no azul sagrado”¹⁷. O instante não se separa do azul, o instante azul não se separa da alma. Os passos luzem e ressoam simultaneamente, e o azul é, enquanto azul, sagrado.

Contudo, essa doçura poética e proximidade ao sagrado é quase sempre perpassada por melancolia. Os sinos que soam pela negra ramagem são dolentes. O retorno à luz suave do quarto é acompanhado de sons tristes de violão¹⁸. A vista do cemitério em ruínas no monte comove a lágrimas¹⁹. Movimentos recorrentes de declínio e afundamento, do entardecer e do outono, entretecem a atmosfera melancólica amiúde indiscernível da própria fruição poética no universo trakliano: “Suavemente afundou a neve sob passos escuros”; “Na colina morre suave o vento da tarde,/ A queixa do melro esmorece,/ E as doces flautas do outono/ Se calam nos juncos”; “Declínio que docemente ensombrece a folhagem”; “as pétalas louras do outono/ Se curvam silentes sobre a face azul da lagoa”; “Ébrias de vento as pálpebras afundam”²⁰. Se essa “melancolia do entardecer” (que aliás nomeia um de seus poemas, *Melancholie des Abends*) abrange uma doce fruição do escoar do tempo – nas palavras de Franz Fühmann, um “tranquilo esvair-se de uma pequena paz na indiferença de tudo aquilo que, como a noite, sobrepuja a tarde”, “um doce declinar” (FÜHMANN, 1980, p. 27, 115) – um sentido mais sombrio de decadência contudo frequentemente se impõe no declínio, perturbando a pureza da doçura; como exemplarmente ocorre no poema “Declínio”, em que, após a introdução pacífica e suave das duas primeiras estrofes (cf. nota 11), o eu lírico é perturbado por “um sopro de declínio que me faz estremecer”, dando vez a imagens cheias de pesadume nas duas últimas estrofes: um melro queixando-se em galhos nus, o vinho tremulando em grades enferrujadas, ásteres azuis curvando-se sobre as bordas desgastadas de uma fonte, “como em dança macabra de pálidas crianças”²¹. Em consonância com essa invasão do que é sombrio, a suavidade amiúde é lembrada com nostalgia, como algo passado e perdido: “Quando suavemente brincávamos juntos no entardecer,/ Às margens da fonte azulada./ Calmo era o nosso passo, os olhos redondos no frio castanho do outono,/ Oh, a dulçura purpúrea dos astros”²². E a tristeza que então se faz presente se lança em

¹⁷ “Ein blauer Augenblick ist nur mehr Seele”, “in heiliger Bläue läuten leuchtende Schritte fort” (TRAKL, 1969, p. 79).

¹⁸ Ver nota 11.

¹⁹ “zu Tränen/ Rührt der Anblick des verfallenen Friedhofs am Hügel” (TRAKL, 1969, p. 79).

²⁰ “Leise sank von dunklen Schritten der Schnee” (TRAKL, 1969, p. 92); “Am Hügel endet leise der Abendwind,/ Verstummt die Klage der Amsel,/ Und die sanften Flöten des Herbstes/ Schweigen im Rohr” (TRAKL, 1969, p. 118); “Verfall, der weich das Laub umdüstert” (TRAKL, 1969, p. 36); “die gelben Blumen des Herbstes/ Neigen sich sprachlos über das blaue Antlitz des Teichs” (TRAKL, 1969, p. 83); “Von Lüften trunken sinken balde ein die Lider” (TRAKL, 1969, p. 28).

²¹ “Da macht ein Hauch mich von Verfall erzittern./ Die Amsel klagt in den entlaubten Zweigen./ Es schwankt der rote Wein an rostigen Gittern,/ Indes wie blasser Kinder Todesreigen/ Um dunkle Brunnenränder, die verwittern,/ Im Wind sich fröstelnd blaue Asten neigen” (TRAKL, 1969, p. 59).

²² “Da wir sanfte Gespielen am Abend waren,/ Am Rand des bläulichen Brunnens./ Ruhig war unser Schritt, die runden Augen in der braunen Kühle des Herbstes,/ O, die purpurne Süße der Sterne” (TRAKL, 1969, p. 117).

retrospecto para o passado: “Oh, o anoitecer, que adentra as aldeias escuras da infância./ O lago sob os salgueiros/ Se enche com os suspiros empestados de pesadume”²³.

Qual o motivo e o sentido dessa tristeza?

“HÁ MENINHAS NUM PÁTIO COM ROUPINHAS POBRES DE CORTAR O CORAÇÃO!”

À medida que se adentra a introvisão da existência entoada na poesia de Trakl, percebe-se claramente que sua tristeza, longe de apenas refletir o temperamento melancólico do poeta, permeia por completo a sua experiência poética e vincula-se de modo indissociável ao sentimento ético-religioso que a atravessa; como se pode ler no verso: “Tão dolorosamente bom e verdadeiro é o que vive”²⁴.

Essa afirmação sobre a *dolorosa* bondade e verdade do que vive remete à experiência de um mundo em que Deus não atua. Pelo menos dois dos poemas de Trakl, evocando em seus títulos a forma bíblica do salmo, gravitam claramente em torno da ausência de Deus e do mundo em abandono. “Salmo” apresenta um mundo tomado por pulsões puramente destrutivas da natureza e da humanidade, diante do que o poeta lamenta com nostalgia, “Oh, nosso paraíso perdido!”. A montagem sequencial das imagens, sucedendo-se em inevitável sequência, revela o marasmo do abandono²⁵: marasmo implícito na incomunicabilidade de eventos contíguos, no lado-a-lado indiferente do bem e do mal, como numa conspiração cósmica maligna que nem Deus pode evitar. Ao concluir com o verso “Silenciosos sobre o Calvário, abrem-se os olhos dourados de Deus”, nada é dito sobre a visão divina suspender a destrutividade, sobre salvar do abandono as “meninhas com roupinhas pobres de cortar o coração”²⁶, que figuram num verso que é só mais uma cena entre outras. Deus é o supremo observador, mas não traz salvação efetiva. Algo semelhante ocorre em “*De Profundis*”. Uma tristeza cósmica permeia o entardecer²⁷ no qual se passará a trágica morte de uma terna órfã [*sanfte Waise*], justaposta ao sequenciamento de imagens solitárias como um evento qualquer, impassível de intervenção. O eu lírico declara ter “bebido na fonte do bosque o silêncio de Deus”, e o último verso, como em “Salmo”,

33

²³ “O der Abend, der in die finsternen Dörfer der Kindheit geht./ Der Weiher unter den Weiden/ Füllt sich mit den verpesteten Seufzern der Schwermut” (TRAKL, 1969, p. 57).

²⁴ “So schmerzlich gut und wahrhaft ist, was lebt” (TRAKL, 1969, p. 50).

²⁵ A análise mais extensa destes dois poemas encontra-se em MOOSBURGER, 2018, p. 86-104.

²⁶ “O unser verlorenes Paradies”; “Schweigsam über der Schädelstätte öffnen sich Gottes goldene Augen”; “Es sind kleine Mädchen in einem Hof in Kleidchen voll herzerreißender Armut!” (TRAKL, 1969, p. 55).

²⁷ “Es ist ein Stoppelfeld, in das ein schwarzer Regen fällt./ Es ist ein brauner Baum, der einsam dasteht./ Es ist ein Zischelwind, der leere Hütten umkreist./ Wie traurig dieser Abend” (TRAKL, 1969, p. 46).

apresenta um sinal divino – “Na avelãzeira/ soaram novamente anjos cristalinos”²⁸ – mas, como lá, esse sinal em nada altera os acontecimentos. Se em “Salmo” Deus responde abrindo os olhos dourados sobre o Calvário, este permanece um problema para a humanidade; se em “*De Profundis*” Ele responde à violência contra a órfã com anjos de cristal na avelãzeira, estes nada fizeram por ela.

Contudo, essa não-atuação de Deus veicula a posição ética radical que sutilmente se exprime nesses poemas. Pois a referência a Deus não figura neles para justificar o mal e o sofrimento, mas, diante da tristeza suscitada pela crua imposição da injustiça e da atrocidade, o sentimento do sagrado – coroado pelas imagens de Deus e dos anjos – exprime um apelo à humanidade. Como se, em estar abscondido, Deus exigisse da humanidade o acolhimento de sua própria responsabilidade. Se “Salmo” e “*De Profundis*” realizam uma prece, seu apelo é endereçado, assim, mais aos homens do que a Deus. Não por acaso os poemas de Trakl raramente se dirigem a Deus ou aos anjos de forma direta – estes parecem inatingíveis – mas sobretudo a outros homens, como a irmãos de desamparo: um “tu” que é ora o leitor, ora amigos a quem Trakl dedicou seus poemas, ora ele próprio. E as figuras centrais dos poemas, na verdade, são estas como a órfã e as meninas – ideais, simultaneamente, de pureza e de fragilidade que requer amparo.

Pode-se entender, nesse sentido, que o desamparo, para Trakl, surge muito mais de uma abstenção da humanidade – e de sua destrutividade ativa – do que de Deus. Sua poesia sugere que a destruição começa pela incapacidade humana de admirar a beleza simples e plena das coisas. Assim a ânsia de destruição é mostrada lado a lado, em muda comparação com a plenitude singela das nozes, dos frutos e do orvalho, o sublime da noite e das montanhas – ou a singeleza sublime que há em tudo, pois as nozes são também “magníficas” e as montanhas são também singelas (como no poema a Kaspar Hauser que veremos na sequência). Daí a perda da infância e do paraíso. Tal embotamento da sensibilidade tem uma origem comum à destruição dos seres de natureza mais terna e singela. Eles perdem sua morada no mundo uma vez que as coisas amadas por eles não são apreciadas e reconhecidas em sua delicadeza, como eles próprios, e por isso estão fadados ao declínio na flor da juventude; conforme o título de um poema – *An einen Frühverstorbenen* – são mortos precoces.

A figura de Élis à qual Trakl dedicou dois poemas (“Élis” e “Ao jovem Élis”) possivelmente remete à figura histórica do jovem mineiro Elis Froebom, morto no século XVII em um acidente na mina no dia de seu casamento. Na versão literária da história criada por E. T. A. Hoffmann (na novela “As minas de Falun”), o corpo de Élis é encontrado cinquenta anos após sua morte, ainda jovem e perfeitamente preservado. Ao vê-lo, sua agora envelhecida noiva o abraça, e o corpo se desfaz em poeira. Quer a figura de Élis na poesia de Trakl corresponda ou não a essa referência, em todo caso ela surge como figura arquetípica da doçura e pureza que não tem lugar no mundo. O

²⁸ “Gottes Schweigen/ Trank ich aus dem Brunnen des Hains”; “Im Haselgebüsch/ Klängen wieder kristallne Engel” (TRAKL, 1969, p. 46).

acidente na mina simboliza exemplarmente o fato de que algo puro demais termina sendo soterrado neste mundo. A delicadeza do puro brilha de forma cortante nas imagens de Trakl: “Perfeita é a calma deste dia dourado./ Sob velhos carvalhos/ Apareces tu, Élis, plácido, com olhos redondos”; “Oh! como são justos, Élis, todos os teus dias.” O declínio de Élis é prenunciado com imagens plenas de uma doçura pungente: “Uma barca dourada/ balança, Élis, teu coração no céu solitário”; “Um doce carrilhão soa no peito de Élis/ Ao anoitecer,/ Quando sua cabeça afunda na almofada negra”; “Élis, quando o melro chama na escura floresta,/ É o teu declínio”²⁹. Esses poemas são ao mesmo tempo uma homenagem a Élis e um canto de lamento por sua morte, descrita com extremo lirismo em “Ao jovem Élis”:

[...] Mas tu com passos suaves adentras a noite,
Que oscila repleta de uvas purpúreas,
E mais belamente estendes no azul os teus braços.
Um espinheiro ressoa
Onde estão os teus olhos lunares.
Oh, há quanto tempo, Élis, estás morto.

Du aber gehst mit weichen Schritten in die Nacht,
Die voll purpurner Trauben hängt,
Und du regst die Arme schöner im Blau.
Ein Dornenbusch tönt,
Wo deine mondenen Augen sind.
O, wie lange bist, Elis, du verstorben.

35

Élis adentrou a noite ao morrer, plácido como vivera, e passa a habitar a paisagem sublime em que a alma poética de Trakl o reencontra como ausência. Ausência que se tornou a pura presença do sagrado. “Um espinheiro ressoa/ Onde estão os teus olhos lunares”. A doçura e pureza de Élis que não teve lugar no mundo e foi levada ao declínio perdura no sublime da noite, das águas, do silêncio. Em extrema condensação semântica, esses elementos naturais em que o poeta reencontra Élis simbolizam ao mesmo tempo morte, declínio, pureza, luto, o sublime e o sagrado...

Mas, para além da preservação de Élis num espaço sagrado, há um sentido inextirpável de impossibilidade que dá ao poema a sua tristeza tão profunda: a tristeza de que Élis tenha de declinar e só possa habitar o mundo difusamente, na paisagem.

Laconicamente e com o silêncio que lhe é próprio, Trakl é bastante enfático sobre o trágico dessa necessidade e sobre o sentido religioso dela. O declínio de Élis se

²⁹ “Vollkommen ist die Stille dieses goldenen Tags./ Unter alten Eichen/ Erscheinst du, Elis, ein Ruhender mit runden Augen”; “O! wie gerecht sind, Elis, alle deine Tage”; “Ein goldener Kahn/ Schaukelt, Elis, dein Herz am einsamen Himmel”; “Ein sanftes Glockenspiel tönt in Elis’ Brust/ Am Abend,/ Da sein Haupt ins schwarze Kissen sinkt”; “Elis, wenn die Amsel im schwarzen Wald ruft,/ Dieses ist dein Untergang” (TRAKL, 1969, p. 84-5).

manifesta sincronicamente à sua volta. Quando sua cabeça afunda na almofada negra, “Um veado azul/ Sangra baixinho na moita de espinhos”, e de uma árvore marrom que se ergue sozinha desprendem-se os frutos, “Sinais e estrelas afundam docemente no lago da tarde”, e “Detrás da colina fez-se inverno”, como se a própria natureza, espiritualizada, acompanhasse o declínio de Élis. Então “Pombas azuis/ Bebem à noite o suor gelado/ Que escorre da fronte cristalina de Élis”³⁰, como reabsorvendo, em seu ser etéreo, essa pureza que não teve lugar no mundo.

A única aparição de Deus em “Élis”, como em “Salmo”, situa-se na última e breve estrofe, ao modo de uma conclusão destacada: “Sempre ressoa/ Em muros negros o vento solitário de Deus”³¹. Embora haja uma alusão positiva à eternidade e prevalência de Deus, pois o vento de Deus ressoa *sempre*, ele é solitário e sempre ressoa *em muros negros*, em uma sugestiva imagem dos limites escuros dessa solidão. Seria a solidão de Deus a surdez e cegueira para o sagrado que se levantam no mundo feito muros negros? Então o vento solitário de Deus sempre ressoa morrendo nessa escuridão que amortece o seu chamado? Seria Deus solitário como Élis?

Élis em sua pureza não teve lugar no mundo, tal como o sopro solitário de Deus. A incompreensão mundana da pureza – a impossibilidade de Élis – é uma e a mesma coisa que a surdez dos muros para o sopro de Deus. O espaço sagrado que Élis habita é claro para o poeta, que o vê sob carvalhos “na calma perfeita de um dia dourado”. Mas essa clareza teve de ser primeiramente dita por ele, arrancada poeticamente de uma surdez cotidiana.

Também a “Canção de Kaspar Hauser” [*Kaspar Hauser Lied*] tem por tema central a existência e morte precoce de um ser puro, vítima da perversidade (TRAKL, 1969, p. 95):

Ele amava genuinamente o sol purpúreo descendo a montanha,
As veredas do bosque, a negra ave canora
E a alegria do verde.

Sincera era a sua morada à sombra da árvore
E puro o seu rosto.
Deus disse uma doce chama ao seu coração:
Oh homem!

Seu passo tranquilo encontrou a cidade ao anoitecer;
O escuro clamor de seus lábios:
Quero ser um cavaleiro.

³⁰ “Ein blaues Wild/ Blutet leise im Dornengestrüpp”; “Ein brauner Baum steht abgeschieden da;/ Seine blauen Früchte fielen von ihm”; “Zeichen und Sterne/ Versinken leise im Abendweiher”; “Hinter dem Hügel ist es Winter geworden”; “Blaue Tauben/ Trinken nachts den eisigen Schweiß,/ Der von Elis’ kristallener Stirne rinnt” (TRAKL, 1969, p. 84-6).

³¹ “Immer tönt/ An schwarzen Mauern Gottes einsamer Wind” (TRAKL, 1969, p. 86).

Porém o seguiram arbusto e animal,
Casa e jardins crepusculares de homens brancos
E o seu assassino o buscava.

Primavera e verão e belo o outono
Do justo, seu brando passo
Em frente aos quartos escuros dos sonhadores.
À noite ficava sozinho com sua estrela;

Viu que a neve caía em galhos desnudos
E no corredor ao crepúsculo a figura do assassino.

Prateada tombou a cabeça do não-nascido.

Er wahrlich liebte die Sonne, die purpurn den Hügel hinabstieg,
Die Wege des Walds, den singenden Schwarzvogel
Und die Freude des Grüns.

Ernsthaft war sein Wohnen im Schatten des Baums
Und rein sein Antlitz.
Gott sprach eine sanfte Flamme zu seinem Herzen:
O Mensch!

Stille fand sein Schritt die Stadt am Abend;
Die dunkle Klage seines Munds:
Ich will ein Reiter werden.

Ihm aber folgte Busch und Tier,
Haus und Dämmergarten weißer Menschen
Und sein Mörder suchte nach ihm.

Frühling und Sommer und schön der Herbst
Des Gerechten, sein leiser Schritt
An den dunklen Zimmern Träumender hin.
Nachts blieb er mit seinem Stern allein;

Sah, daß Schnee fiel in kahles Gezweig
Und im dämmernden Hausflur den Schatten des Mörders.

Silbern sank des Ungeborenen Haupt hin.

O poema mostra a pureza de Kaspar Hauser ao pronunciar-se sobre ela de forma igualmente pura e simples. “Ele amava genuinamente o sol purpúreo descendo a

montanha/ As veredas do bosque, a negra ave canora/ E a alegria do verde”: quanta segurança na verdade poética desse amor, para expressá-lo sem acréscimos, apenas nomeando o que era amado, repetindo no poema a vida viva de Kaspar Hauser, dando à palavra *wahrlich* o simples sentido de espontaneidade, de verdade sentida da vida. Quanta entrega à plenitude do simples. A entrega de Kaspar Hauser ao sol, à montanha, ao bosque, poesia vivida nas coisas, é repetida pelo poeta na forma escrita do poema.

Tudo em Kaspar Hauser é verdadeiro e franco; sua morada à sombra da árvore, seu rosto. Sua única aspiração – ser um cavaleiro – é tão singela quanto tudo que ele já era e tinha. Foi *a essa sinceridade do coração* que “Deus disse uma doce chama”: “Oh homem!”. Essa sinceridade do coração é aquilo mesmo que Deus nomeia sob a palavra “homem”.

Contudo, ao dirigir-se à cidade, o declínio de Kaspar Hauser já está selado: “seu assassino o buscava”. O poema é cortante ao exprimir a disparidade entre a inocência de Kaspar Hauser – “o justo” – e a dureza de seu destino, seu desamparo no mundo. Ele segue tendo na cidade um brando passo e a beleza das estações, segue brincando com estrelas, como no bosque, lugar imaculado de sua inocência. Contudo, agora, ao ver a pureza da neve caindo, essa pureza não evita a sombra do assassino. Em extrema condensação semântica, a neve também exprime a frieza de seu assassinato. “Viu que a neve caía em galhos desnudos/ E no corredor ao crepúsculo a figura do assassino”. E a cabeça prateada tomba – prateada como a estrela com que brincava, mas também pelo brilho metálico de uma faca ou de uma bala de arma de fogo. Estarrecedor que a pureza sagrada possa ser imóvel e indiferente; que o brilho sublime também brilhe no instrumento da profanação.

A terna exclamação – “Oh homem!” – contém uma funda melancolia. Como se Deus, ao trazer Kaspar Hauser ao mundo, já temesse por ele; como se já soubesse que a bondade entregue ao mundo não seria correspondida. Como já lamentando a perversão daquela sinceridade do coração nomeada sob a palavra “homem” – pois Kaspar Hauser foi morto por outro homem.

Significativa é a expressão “não nascido” com que o poeta se refere a Kaspar Hauser. Assim como Maria e Élis, Kaspar Hauser já era nascido em sentido literal, mas não havia nascido no sentido de que não havia ainda florescido completamente. Ele é não-nascido porque a possibilidade de florescer lhe foi tomada, é um morto precoce. Mas ao morrer na flor da idade, seu ser puro preserva-se da desagregação oriunda do confronto com a impureza do mundo. Como Maria e Élis, ele é não-nascido também porque jamais se tornará impuro.

“Sempre serei um pobre Kaspar Hauser”, diz Trakl em carta a seu amigo Erhard Buschbeck (TRAKL, 1969, p. 487), identificando-se com essas figuras que reverenciava. No entanto, diferentemente de Élis, que é levado por um acidente, ou de Maria, levada por uma doença, ou de Kaspar Hauser e da órfã de “*De Profundis*”, vítimas de um ato de violência, Trakl perde a inocência por *ver e sentir-se implicado no sofrimento alheio*, na injustiça contra esse outro inocente. É esse olhar repleto de ternura e admiração pelo

outro o que torna tão tocante a destruição da inocência em seus poemas, extravasando em imagens de uma singeleza sublime, frequentemente associada à sinceridade do olhar: os “grandes olhos iluminados” e o “rostinho fino” de Maria; a terna órfã de olhos dourados e redondos; o plácido Élis de olhos redondos ou olhar azul; os olhos negros e puros de uma criança que brinca pela relva³²; o rosto puro de Kaspar Hauser. Os atos desses seres são doces e singelos como eles próprios. A criança brinca pela relva. A órfã colhe espigas. Élis bebe o frio azul da fonte nas rochas e estende seus braços no azul, ou apenas surge sob velhos carvalhos, na calma de um dia dourado. Kaspar Hauser caminha pelo bosque, brinca com estrelas, seu desejo é virar cavaleiro. É uma doçura de infância, absoluta e inseparável de tudo que a envolve: “Placidamente morava a infância/ na gruta azul”³³. Por vezes essa doçura é tão envolvida pela perfeição, que parece inquebrável: é na “Perfeita calma deste dia dourado” que aparece Élis. O que torna tão cortante a doçura dessas imagens – uma “doçura que nos trespassa” (FÜHMANN, 1982, p. 126) – é justamente o contraste entre esse extremo de pureza, aparentemente imaculável, e seu desamparo: “um passarinho em galhos desnudos”³⁴. A criança está exposta no gramado ressequido; as menininhas pobres, num pátio; a órfã colhe escassas espigas sozinha no entardecer. A ternura pela fragilidade e doçura desses seres extravasa nas imagens de abandono, com o qual contrasta, intensificando-se. Por vezes Trakl se pronuncia diretamente. Com tristeza apolínea: “Oh, a figura do menino/ Moldada por lágrimas de cristal”³⁵. Com um grito impossível de conter: “Há menininhas num pátio com roupinhas pobres de cortar o coração!” A ternura extravasa. A consciência do desamparo transborda. A compaixão rompe o silêncio. A delicadeza com que Trakl exprime sua ternura lembra o gesto do protagonista de “Terra dos sonhos”, que, comovido com a doença e a morte precoce de sua prima Maria, deposita sobre o colo dela incontáveis rosas, na ânsia de salvá-la, ainda que apenas ofertando um pedaço do paraíso que ele podia desfrutar.

UM MELRO APRISIONADO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sentimento nos momentos de ser semelhante à morte. Todos os seres humanos são dignos de amor. Sentes crescentemente a amargura do

³² “Ruhig wohnte die Kindheit/ In blauer Höhle” (TRAKL, 1969, p. 79).

³³ “Auf der verdorrten Wiese läuft ein Kind/ Und spielt mit seinen Augen schwarz und glatt” (TRAKL, 1969, p. 53).

³⁴ “ein kleiner Vogel im kahlen Geäst” (TRAKL, 1969, p. 88).

³⁵ “O des Knaben Gestalt/ Geformt aus kristallinen Tränen”(TRAKL, 1969, p. 139).

mundo em que está toda a tua culpa não absolvida. Teu poema, uma expiação imperfeita³⁶.

O compadecimento e a fraternidade se estendem a todos. Pode-se mesmo dizer que o grande anseio de Trakl era, senão salvar, ao menos santificar o mundo pela doçura de sua poesia. Contudo, por mais perfeitamente que ele santifique pela poesia, ele o faz no espaço do poema, sem intervir diretamente na destruição e na injustiça. Esta é a imperfeição inerente ao poema. A dor pela destruição é assim amplificada pelo sentimento de impotência da poesia. “Canto de um melro aprisionado” [*Gesang einer gefangenen Amsel*] (TRAKL, 1969, p. 135) exprime essa dor de o canto poético não bastar para sanar a amargura do mundo e restituir-lhe a doçura:

Suspiro obscuro na verde ramagem.
Florezinhas azuis flutuam ao redor do rosto
Do solitário, dourado passo
Que morre sob a oliveira.
Esvoaça a noite, com ébrias asas.
Tão quieta sangra a humildade,
Espinho em flor que lentamente pinga orvalho.
Com radiantes braços a piedade
Envolve um coração quebrando.

Dunkler Odem im grünen Gezweig.
Blaue Blümchen umschweben das Antlitz
Des Einsamen, den goldnen Schritt
Ersterbend unter dem Ölbaum.
Aufplattert mit trunknem Flügel die Nacht.
So leise blutet Demut,
Tau, der langsam tropft vom blühenden Dorn.
Strahlender Arme Erbarmen
Umfängt ein brechendes Herz.

Como um melro preso num mundo que perde o poético e o sagrado, o poeta, que sente a beleza de florezinhas azuis e o esplêndido voo da noite, abraçou a tarefa de revelar a plenitude e doçura das coisas, mas recolhe-se no modesto e solitário papel de poeta – “dourado passo que morre sob a oliveira”, “tão quieta sangra a humildade”. A piedade tem radiantes braços, mas só pode envolver um coração quebrando: ao nada poder fazer por Élis, Maria, Kaspar Hauser, este poema reflete, como toda a lírica trakliana, a tragédia dessas figuras amadas por sua pureza.

³⁶ “Gefühl in den Augenblicken totenähnlichen Seins. Alle Menschen sind der Liebe wert. Erwachend fühlst du die Bitternis der Welt darin ist alle deine ungelöste Schuld. Dein Gedicht eine unvollkommene Sühne” (TRAKL, 1969, p. 463).

A imagem do coração quebrando coaduna-se com a forma com que Trakl faz sua contra-afirmação poética e ética à insensibilidade do mundo: o contraste e o lamento. Ao revelar em sua poesia, como num espelho, o avanço da destruição, amiúde pela presença explícita do abjeto – que cabe assim diferenciar de outros sentidos que este assume na poesia expressionista alemã – Trakl efetua simultaneamente uma denúncia do abandono e declara sua aspiração à pureza: “O doce corpo é encontrado apodrecido no espinheiro”. Ele distingue com clareza cortante e inequívoca entre sagrado e profano, bem e mal, entre o desejável (“oh, nosso paraíso perdido!”) e o que apenas desgraçadamente é (“todos os caminhos desembocam em negra putrefação”)³⁷. Ao mostrar a magnitude da devastação, mostra de um só golpe o que ela põe a perder: a plenitude na singeleza, a doçura do entardecer, a ternura de Maria, a alegria do verde, o sol purpúreo descendo a montanha, o contentamento com a vida das flores, aquela beleza romântica esquecida na terra dos sonhos do menino³⁸. O poeta faz sua contra-afirmação resoluta mostrando a beleza, ainda, quase sempre na forma do lamento. O tom melancólico, elegíaco³⁹ de seu canto revela a gravidade da escolha pela destruição e a faz contrastar ainda mais com o que poderia ser cultivado. Dessa expressão dolorosa de ternura e admiração repleta de lirismo, uma oração de beleza comovida, vem a força dessa poesia em despertar, com um apelo velado e triste, a consciência de uma imensa responsabilidade: a de recuperar o sentimento do sagrado, perceber e cultivar o singular, acolher a fragilidade.

41

Nas palavras de Pellegrini, a poesia de Trakl, resumindo o sentido exemplar de toda poesia, “incita-nos a recuperar o mundo ideal a que aspira o homem, e é a um só tempo denúncia e recusa do mundo inautêntico que se nos oferece” (PELLEGRINI, 2009, p. 10). É uma tentativa de santificar, pela poesia, o que foi profanado; tentativa de intervir, que se sabe impotente, diante do abandono e da destruição, mas que em sua impotência tem, contudo, a potência da denúncia da insensibilidade e a força de afirmar a sensibilidade.

A profundidade ética da poesia trakliana manifesta-se justamente no seu lirismo, no sentimento poético da existência, na experiência da vida como sagrada. Justamente esse lirismo, a abertura poética, o olhar poeticamente comovido, permite revelar o desamparo e a fragilidade e despertar o sentimento de ternura, fraternidade e

³⁷ “Alle Straßen münden in schwarze Verwesung” (TRAKL, 1969, p. 167).

³⁸ Por essa razão insistimos que as ambiguidades frequentemente assinaladas pela crítica na poesia de Trakl merecem ser remetidas ao contraste como categoria interpretativa superior.

³⁹ Assim, quando se recusa engajamento a Trakl por ser ele lírico e elegíaco – Para Cavalcanti, p. e., a poesia trakliana se distingue da expressionista por “não ser programática, revolucionária ou engajada; mas antes uma poesia de lamento, elegíaca” (CAVALCANTI, 2000, p. 31) – cumpre ressaltar que justamente o seu lirismo tem um aspecto ético profundo e, nesse sentido, engajado.

compaixão, ele próprio lírico. Poesia, ética e religião integram o todo coeso desse universo existencial. A comoção por Maria, Élis, Kaspar Hauser, revela a firmeza dessa integração, pois evidencia decisivamente que, para Trakl, viver uma existência poética não é apenas entregar-se à fruição estética: a capacidade de ver o sofrimento e a fragilidade do outro, o senso de alteridade, brota como a expressão mais sublime de sua poesia. Dificilmente um poeta poderia corresponder com mais exatidão à frase presente no aforismo 6.421 do *Tractatus* de Wittgenstein – que talvez por isso mesmo tanto o admirasse – “Ética e Estética são Um”.

REFERÊNCIAS

- CAVALCANTI, C. Em busca do êxtase. In: *Poesia expressionista alemã: uma antologia*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- DILTHEY, W. *Essência da filosofia*. Trad. Manuel Frazão. Lisboa: Presença, 1984.
- FÜHMANN, F. *Vor Feuerschlünden: Erfahrung mit Georg Trakls Gedicht*. Rostock: Hinstorff Verlag, 1982.
- LASKER-SCHÜLER, E. *Gedichte*. Projekt Gutenberg – DE: <http://gutenberg.spiegel.de/buch/gedichte-8726/6>. Acesso: 08/12/2018.
- MOOSBURGER, L. *Inquietude e Sehnsucht na obra de Georg Trakl*. São Paulo. USP, 2018. [Tese de doutorado].
- PELLEGRINI, A. Introducción a la poesía de Trakl. In: TRAKL, G. *Poemas*. Buenos Aires: Corregidor, 2009.
- ROLLESTON, J. The Expressionist Moment: Heym, Trakl and the Problem of the Modern. In: *Studies in 20th Century Literature* 1, v. 1, jan. 1976, p.65-90. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4148/2334-4415.1033>. Acesso: 10/03/2017.
- TRAKL, G. *Dichtungen und Briefe*. Historisch-Kritische Ausgabe. (Hrsg.) Walther Killy; Hans Szklener. Salzburg: Otto Müller Verlag, 1969.
- _____. *De Profundis*. São Paulo: Iluminuras, 2010.
- UNAMUNO, M. *Do sentimento trágico da vida nos homens e nos povos*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Submetido: 13 de fevereiro de 2020

Aceito: 12 de março de 2020